

Conhecimento e humanização

Margarida Montejano da Silva¹

RESUMO: Refletir sobre os caminhos trilhados pela humanidade e sobre as implicações da ação do homem no domínio da natureza e na construção de si mesmo é o objetivo desta reflexão. Consciente de que esta apropriação só foi possível graças a ciência e o conhecimento historicamente elaborado e construído coletivamente, torna-se imprescindível uma permanente atitude crítica frente aos desafios que ameaçam o processo de humanização.

Palavras-chave: humanização, conhecimento, educação.

ABSTRACT: To reflect on the ways trod for the humanity and on the implications of the action of the man in the domain of the nature and the construction of itself exactly is the objective of this reflection. Conscientious of that this appropriation alone was possible thanks to science and the knowledge historicamente elaborated and constructed collectively, a permanent critical attitude becomes essential front the challenges that threaten the humanition process.

Key-words: humanization, knowledge, education.

O ser humano foi, ao longo do tempo, distanciando-se de sua natureza animal e, com isso, aproximando-se da possibilidade de sua humanização. Podemos dizer que, na luta pela sobrevivência, o homem aprendeu a agir sobre a natureza e percebeu que isso lhe trazia prazer e poder sobre os outros animais. Percebeu-se como um feixe de possibilidades num universo a construir. Para alimentar-se e proteger-se dos animais ferozes, o homem primitivo endireitou o corpo, aprendeu a correr do perigo, subiu em árvores, esticou os membros, controlou o fogo e desenvolveu a habilidade motora fina. Viu que isso era bom e que, por conta da precisão do movimento do seu polegar opositor, era possível construir ferramentas. Construiu o arco, a flecha, o facão e, dentre outras construções, registrou suas observações nas pedras e paredes. Construiu a escrita.

De uma idéia à outra, inventando aqui e acolá, o homem foi produzindo a história. Com sua capacidade criadora, curiosa e criativa, modificou os espaços naturais e produziu a si mesmo, recriando sua segunda natureza – a cultura. Entendeu que o conhecimento produzido ganhava qualidade à medida que se transformava noutros saberes e foi aí que percebeu que todo conhecimento humano era uma construção coletiva. Que quanto mais pessoas dele se apropriavam, mais qualidade a ele era acrescentada, mais rica e prazerosa tornava-se a vida.

Hoje, a humanidade se aperfeiçoa a cada momento e todos os homens da terra gozam dos avanços da ciência e da tecnologia. A consciência do sentido do conhecimento produziu o novo ser do homem, que à guerra, prefere a paz. À ganância, elege a partilha. À escravidão, escolhe a liberdade e, ao grito, opta pelo diálogo. Essa é a sua linguagem e dessa nova consciência sobre o conhecimento se desvela a sua humanização.

Essa é a história que gostaríamos de escrever, de contar para os nossos filhos, netos, alunos... De ver registrada em nossas memórias, livros e discos. Mas, as

¹ Mestra em Educação pela PUC-CAMPINAS, doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenadora dos cursos de Pedagogia e Psicopedagogia do CREUPI.

coisas não são bem assim. Sabemos que no processo civilizatório a distribuição do conhecimento não se deu de forma equitativa e que tampouco o acesso a ele por todos foi possível.

Ao contrário do exposto na "história" acima, o homem se apropriou de maneira indébita da ciência e dos conhecimentos produzidos. Descobriu-se forte com os avanços do conhecimento e percebeu-se mais uma vez dominador. Tomou para si os espaços construídos para a ampliação do conhecimento e os reservou aos seus. Mandou construir cercas, grades e armas para se proteger. Escreveu palavras de ordem e submissão, subserviência e determinismos. Criou mecanismos de 'educação' para um mundo cada vez mais individualista, desumano e pobre. Cruel e distante da sua humanização.

Não podemos negar que o homem atingiu patamares incalculáveis na história e que, ao desenvolver a cultura, produziu-se a si mesmo. Contudo, neste processo de civilização, percebeu que, além dos benefícios produzidos à humanidade, o conhecimento estava intimamente ligado ao poder e isso lhe possibilitava a idéia de controle e de manutenção de privilégios.

Entretanto, sabemos que outros fatores sócio-econômico-políticos foram contribuindo para a tecitura da história. Que as ideologias que enraizaram a ambição, o egoísmo e os individualismos foram tomando lugar na vida humana e hoje se fazem mais presentes do que nunca. A sociedade civilizada, resultado do trabalho humano, mostra acintosamente as riquezas que os homens podem usufruir, ao mesmo tempo revela-se contraditória, desigual, colocando à margem das conquistas e dos benefícios do processo civilizatório, a maioria dos seres humanos. O futuro parece certo, definido, claro. Cada coisa e cada um no seu lugar...

[...] Sempre recusei o fatalismo. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. (FREIRE, 1997, p. 130)

Optando pela rebeldia que me confirma como gente, concordarmos com o pensamento de Freire - as coisas não estão prontas e nada é em definitivo. O mesmo conhecimento que cumulou o homem de poder e inteligência sobre a natureza e sobre si, dota-nos de consciência sobre os estragos produzidos pela má utilização da ciência e dos conhecimentos produzidos. Mostra-nos a conseqüência dos egoísmos e das ganâncias humanas e nos convida a refletir cotidianamente sobre o processo de marginalização do ser do homem.

Hoje, as naturezas física e humana se rebelam, clamam pela reflexão sobre o conhecimento e esperam por atos concretos rumo à construção de um amanhã mais próximo da nossa humanização. À educação e à arte, o feixe de possibilidades se abre. E, a nós, ávidos de esperança e preocupados com o contar de uma nova história, se apresenta o desafio de escrevê-la sob uma outra perspectiva. A perspectiva da indignação. Provar, com nossa capacidade de transgredir, com nossa rebeldia humana, que o futuro não está dado. Que a vida pode e deve ser melhorada com a nossa luta e que o conhecimento do bem é maior que o conhecimento do poder que ora nos desumaniza.

Que a educação e a arte impressas na veia humana possam fazer as perguntas que ainda não foram feitas e provar, num breve tempo, que todos os seres humanos têm condições de construir o conhecimento. Que todo conhecimento humano é sempre uma construção e reconstrução coletiva e que a verdade sobre o conhecimento é sempre uma verdade provisória.

Para Jorge Luiz Borges, "não há um instante que não esteja carregado como uma arma" Quem sabe, possamos aprender nas transgressões do momento, que o conhecimento está carregado de nossa humanização e nós, por cegueira, quem sabe, dele ainda não tomamos consciência.

Referências Bibliográficas

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social:** uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão:** crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.